



Zaira de Bittencourt Martins: pioneira da psicanálise de crianças no Rio Grande do Sul

*Jorge Luís Ferreira Abrão**, São Paulo

O presente artigo tem por objetivo apresentar as contribuições de Zaira de Bittencourt Martins à psicanálise do Rio Grande do Sul, identificando-a como pioneira da psicanálise de crianças neste Estado. Partindo de uma pesquisa histórica, realizada com base em entrevistas com psicanalistas, levantamento de fontes bibliográficas e contatos com familiares, o autor compôs um esboço biográfico da psicanalista em questão. Zaira Martins, juntamente com o marido o psiquiatra e psicanalista Mário Martins, imigrou para a Argentina em 1944, onde em 1947 qualificou-se analista pela Associação Psicanalítica Argentina. De regresso ao Brasil, tornou-se a primeira mulher não médica a integrar a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, colaborando com sua fundação em 1963. Atuou, de forma pioneira, como psicanalista de crianças e contribuiu na difusão do pensamento kleiniano em seu Estado. Além disso, contribuiu na formação de jovens analistas que se iniciavam no campo da análise infantil, por intermédio de cursos e supervisões.

Descritores: Psicanálise. História. Zaira Martins.

* Professor do Departamento de Psicologia Clínica e orientador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade da FCL/UNESP/Assis. Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da USP.



Introdução

As pesquisas relativas à história da psicanálise na atualidade têm assumido grande relevância e despertado o interesse de muitos estudiosos, seja no meio psicanalítico ou universitário. Tal interesse decorre do fato de que investigar a história da psicanálise não se resume em um exercício detetivesco de valor meramente heurístico, ao contrário, esta atividade contribui para um melhor entendimento dos desígnios atuais da clínica psicanalítica, permitindo compreender de que forma as práticas foram se transformando com o passar dos anos e quais as influências recebidas.

A relevância das investigações históricas no campo da psicanálise torna-se particularmente importante no caso brasileiro, tendo em vista que a psicanálise nacional recebeu influências variadas de diferentes matrizes teóricas surgidas em países diversos, como a Inglaterra e a França. Neste sentido, é fundamental que se entenda a maneira como estas ideias foram introduzidas, apreendidas e empregadas no país, para que possamos compreender de que forma as características culturais e científicas vigentes no Brasil, em um dado contexto histórico, coadunam-se com o pensamento psicanalítico do exterior para produzir uma prática clínica com feições próprias, que precisa ser melhor delineada.

As conclusões veiculadas pelo psicanalista Sérvulo Augusto Figueira (1995), no artigo *Situação atual da técnica psicanalítica no Brasil: um ponto de vista pessoal*, destacam a precária visibilidade de que dispomos da psicanálise brasileira, o que reforça a necessidade de investigações históricas sobre o tema. Segundo ele, “Não temos dúvida de que há no Brasil uma Psicanálise que é clinicamente eficaz, que tem nosso conhecido talento pragmático como motor, mas que, infelizmente, é de pouca visibilidade oficial” (Figueira, 1995, p. 11).

Embora a historiografia da psicanálise no Brasil já conte com alguma tradição e com um número expressivo de trabalhos publicados, surgidos em decorrência da necessidade e da importância demonstradas acima, alguns temas encontram-se ainda pouco explorados, como por exemplo, a construção de esboços biográficos de pioneiros da psicanálise no Brasil, que, salvo raras exceções, tem merecido pouca atenção dos pesquisadores brasileiros.

Tomando como referência pesquisas realizadas anteriormente sobre a história da psicanálise de crianças no Brasil (Abrão, 1999, 2001) e relativas à difusão do pensamento kleiniano em nosso país (Abrão, 2004), verificamos a importância assumida por Zaira de Bittencourt Martins, junto à psicanálise do Rio Grande do Sul, como introdutora da psicanálise de crianças. Apesar das



indicações históricas apontarem para a grande relevância desta psicanalista, pouco tem sido escrito sobre sua vida e contribuições à psicanálise, justificando-se, portanto, a realização de um trabalho que possa delimitar com maior clareza sua participação na estruturação da psicanálise gaúcha.

Assim, no ano em que se comemora o centenário do nascimento de Zaíra Martins, o presente artigo surge com o objetivo de traçar um esboço biográfico desta pioneira da psicanálise, inserindo-a no contexto da psicanálise no Rio Grande do Sul e delimitando sua participação enquanto pioneira da psicanálise de crianças. Para tal, tomaremos como fontes de referência para esta investigação de caráter histórico depoimentos colhidos junto a profissionais que conviveram com a personagem biografada e informações obtidas junto a sua família¹.

Para tal faremos inicialmente um breve percurso pelos modelos metodológicos de pesquisa histórica em psicanálise, de forma a fundamentar os pressupostos teóricos que nortearam a pesquisa da qual este artigo é derivado. Posteriormente resgataremos alguns acontecimentos históricos que balizaram o desenvolvimento da psicanálise no Rio Grande do Sul de forma a contextualizar o tema de nossa investigação. Finalmente, discutiremos as contribuições de Zaira Martins como pioneira da psicanálise gaúcha.

A pesquisa histórica em psicanálise: fundamentos metodológicos

Uma característica singular da psicanálise pode ser encontrada na indissociabilidade entre criador e criatura, ou seja, o substrato de experiências necessário para a constituição da teoria psicanalítica advém, em um primeiro momento, das vivências pessoais do psicanalista, sendo posteriormente complementada pela, não menos relevante, experiência clínica. Neste sentido, em psicanálise, mais do que em outras áreas da ciência, a história pessoal de seus criadores, como Freud e Klein, por exemplo, torna-se altamente relevante para compreendermos os desdobramentos das formulações teóricas e técnicas por eles postuladas ao longo de suas trajetórias profissionais.

Na biografia de Freud escrita por Peter Gay (1988), destaca-se o fato, assinalado pelo autor, de que as reminiscências infantis de Freud, recuperadas em sua autoanálise, converteram-se em fonte de inspiração de sua teoria. Desta forma, as pesquisas dedicadas à história da psicanálise, mesmo aquelas desprovidas de

¹ As informações biográficas a respeito de Zaira de Bittencourt Martins foram obtidas por intermédio de seu filho, o psicanalista Roberto Bittencourt Martins.



pretensões biográficas, terão, em certa medida, que resvalar-se na história pessoal dos grandes personagens que contribuíram para a edificação da teoria psicanalítica, já que suas formulações teóricas estão eivadas de considerações desenvolvidas a partir da elaboração de experiências pessoais.

Consideradas a especificidade apresentada acima e suas implicações para uma investigação histórica da psicanálise, ficamos em condições de apresentar alguns modelos metodológicos que têm sido empregados em maior ou menor escala na historiografia da psicanálise.

O primeiro modelo empregado na historiografia da psicanálise, a *abordagem descritiva*, constitui-se na tentativa de delinear um campo de investigação sobre a história do movimento psicanalítico. O traço distintivo desta abordagem consiste em narrar uma sucessão de fatos e acontecimentos relativos à história da psicanálise que se encontram dispersos e, muitas vezes, desconhecidos do grande público. Trata-se, portanto, de uma abordagem que enfatiza a periodização de acontecimentos, a descrição pormenorizada dos eventos e a nomeação de personagens que marcaram a evolução do movimento psicanalítico.

No limite inicial do espectro de trabalhos que podem ser agrupados sob a alcunha de *abordagem descritiva*, encontramos duas obras de Freud cujo tema versa sobre a história da psicanálise. São elas *A história do movimento psicanalítico*, de 1914, e *Um estudo autobiográfico*, publicada em 1925. Estes trabalhos trazem como contribuição principal a enumeração de fatos e acontecimentos relevantes, seja sobre a evolução do movimento psicanalítico, em seus primeiros anos, seja sobre a vida de seu criador. Não se trata, no entanto, de uma descrição qualquer, mas sim de um relato testemunhal, uma vez que o signatário da narrativa é o principal protagonista dos acontecimentos descritos. Esta característica que, por um lado, torna o texto rico em elementos descritivos, tendo em vista a abundância de detalhes à disposição do autor, contribui, em contrapartida, para uma limitação das análises e das discussões que possam advir acerca dos fatos relatados, uma vez que o distanciamento dos acontecimentos inexistente. Desta forma, a relevância destes trabalhos, na atualidade, reside menos nos fatos que descreve e mais no testemunho que representa, marcando, em tom vívido, os posicionamentos de Freud frente aos acontecimentos que balizaram sua vida e o desenvolvimento da disciplina que fundara, os quais podem, assim, ser analisados e discutidos pelo historiador contemporâneo.

Outro trabalho de vulto no meio psicanalítico e que pode ser alocado dentro da abordagem descritiva, é a biografia de Freud escrita pelo psicanalista britânico Ernest Jones, em três volumes publicados nos anos de 1953, 1955 e 1957. Este autor, valendo-se de sua condição privilegiada enquanto discípulo direto de Freud



e articulador político do movimento psicanalítico, teve acesso a uma gama variada de informações concernentes à vida do criador da psicanálise, o que lhe permitiu compor um texto biográfico rico em informações, muitas delas inéditas na ocasião, que têm por mérito aproximar o leitor do universo freudiano. O que se caracteriza como uma virtude da obra de Jones, dada a riqueza de detalhes que apresenta, constitui-se, em contrapartida, em um vício, na medida em que o eixo central de sua narrativa privilegia o vértice cronológico, consubstanciando a análise da vida de Freud na evolução de sua obra. Isto se dá mediante um paralelismo que, embora possa ser eficiente do ponto de vista didático, incorre em reducionismo, posto que negligencia a análise das influências culturais e científicas sofridas por Freud ao longo de sua vida.

Um segundo enfoque metodológico dentro da historiografia da psicanálise, em crescente prestígio, é a *abordagem contextual*. Uma vez esgotada a etapa inicial de descrição de fatos relevantes à história da psicanálise, os pesquisadores voltam sua atenção para uma análise mais depurada dos dados disponíveis, de forma a ampliar a compreensão de passagens históricas, esboçando novos ângulos de interpretação dos dados já existentes. Um exemplo emblemático desta abordagem pode ser encontrado no trabalho de Peter Gay, ao escrever a biografia *Freud: uma vida para o nosso tempo*, em 1988. Referindo-se a sua proposta metodológica, sustenta o autor:

Como historiador, situei Freud e sua obra nos vários contextos relevantes: a profissão psiquiátrica que ele subverteu e revolucionou; a cultura austríaca em que foi obrigado a viver como judeu descrente e médico pouco convencional; a sociedade europeia que, durante a vida de Freud, passou pelos terríveis traumas da guerra e da ditadura totalitária e a cultura ocidental como um todo, uma cultura cuja percepção de si mesma ele transformou irreconhecivelmente para sempre (Gay, 1988, p. 17).

Desta forma, chegamos à constatação de que o enfoque metodológico desta abordagem desloca o foco de sua análise, migra de um procedimento endógeno, pautado na análise dos acontecimentos que marcaram a história da psicanálise por si mesma, para um procedimento exógeno, que busca estabelecer linhas de relação entre a psicanálise e os demais campos do saber, procurando explicitar as influências sofridas pela psicanálise ao longo de sua constituição e demonstrar os efeitos que esta nova ciência exerceu sobre a civilização ocidental ao longo de aproximadamente um século de existência.

Por seu turno, a *abordagem interpretativa* vale-se do próprio método



psicanalítico como instrumental para fundamentar as análises históricas que realiza. A forma como os acontecimentos ocorreram, as ligações e os antagonismos estabelecidos entre diferentes protagonistas da história da psicanálise, as omissões e exasperações presentes nas formulações teóricas propaladas pelos psicanalistas constituem-se em um terreno altamente fértil de investigação que, uma vez submetidos ao crivo do método psicanalítico, pode fornecer indícios importantes sobre a história da psicanálise. Considerando-se que a marca do inconsciente está presente nas relações psicanalíticas, assim como nas demais relações humanas, apreender as motivações inconscientes que conduziram os grandes autores da psicanálise em suas ações teóricas e políticas pode ser um instrumental de grande valia na reconstrução histórica da psicanálise. No entanto, deve-se fazer uma ressalva quanto ao emprego deste recurso metodológico para que a pesquisa não caia em um reducionismo, circunscrevendo a análise histórica unicamente a um desvelamento das motivações inconscientes de seus protagonistas, o que implica em utilizá-lo, preferencialmente, como elemento coadjuvante associado a outro enfoque metodológico.

Finalmente, a *abordagem epistemológica* caracteriza-se por uma rigorosa análise conceitual. Buscando, desta forma, estabelecer a história do desenvolvimento dos conceitos-chave da teoria psicanalítica, destacando as condições em que foram gerados e a forma como foram sendo aprimorados e mesmo transformados, durante a vida de Freud e após sua morte. Ao estabelecer as linhas de continuidade e ruptura que os conceitos psicanalíticos sofreram ao longo do tempo, o pesquisador pode reconhecer os pontos de tangenciamento e os antagonismos entre as diferentes escolas do pensamento psicanalítico surgidas a partir da matriz freudiana. Se não o pioneiro, seguramente o mais celebre trabalho dentro deste enfoque metodológico é o *Vocabulário da psicanálise*, de Laplanche e Pontalis, publicado, na França, em 1967. Neste volume os autores apresentam uma exposição sistemática de um grande número de conceitos empregados com regularidade no jargão psicanalítico. Sua contribuição mais relevante, em nosso entender, não está na apresentação das definições do conceito, embora estas sejam altamente esclarecedoras; mas no laborioso rastreamento que realiza, permitindo ao leitor acompanhar as diferentes etapas do desenvolvimento do conceito até sua versão final na obra de Freud. Outro notório exemplo da abordagem epistemológica é encontrado no trabalho empreendido por Robert Hinshelwood que resultou no *Dicionário do pensamento kleiniano*, cuja segunda edição revista e ampliada foi publicada em 1992.

Considerando que o emprego destas várias abordagens metodológicas nem sempre se manifesta de forma isolada e linear, como pode ter sido sugerido,



procuramos neste trabalho situar as contribuições de Zaira Martins no contexto em que esta psicanalista estava inserida. Para tal empreendemos uma investigação histórica que contemplou simultaneamente o levantamento de fontes documentais, como registros históricos e fontes bibliográficas sobre a origem da psicanálise no Rio Grande do Sul, e fontes orais, por intermédio de depoimentos de profissionais que conviveram e trabalharam com Zaira Martins.

Tomando como referência os pressupostos metodológicos apresentados acima e sustentados nas informações colhidas por intermédio da pesquisa de campo, apresentamos na sequência um panorama das contribuições de Zaira Martins à psicanálise de crianças na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

O surgimento da psicanálise no Rio Grande do Sul

O interesse pela disciplina freudiana em solo gaúcho é contemporâneo à introdução das idéias psicanalíticas em São Paulo e no Rio de Janeiro, podendo ser situado nas primeiras décadas do século XX.

O meio universitário, particularmente a Faculdade de Medicina de Porto Alegre, constituiu-se em um espaço privilegiado para a difusão do pensamento psicanalítico. Ainda na década de 1920, o Dr. Martins Gomes, entusiasta da psicanálise, passa a proferir conferências sobre a obra de Freud em sua cátedra de ginecologia, na referida instituição universitária, tendo na audiência os alunos Cyro Martins e Mário Martins (1908-1981), que posteriormente vieram a qualificar-se como psicanalistas.

Na década de 1930 o enfoque recai sobre os nomes dos precursores: Dionélio Machado, psiquiatra do Hospital São Pedro que além de traduzir o livro *Elementos de psicanálise* (1934) de autoria de Eduardo Weiss, “Já se voltava para a aplicação de conhecimento psicanalítico à clínica psiquiátrica” (Rosa, 1979, p. 1), e Celestino Prumes, catedrático de medicina legal da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, que teve destacada participação na divulgação da obra de Freud junto ao meio médico, ministrando, a partir de 1934, um curso de psicanálise como introdução à psiquiatria forense.

Fechando o ciclo de precursores² da psicanálise no Rio Grande do Sul, merece destaque o nome do Professor Décio Soares de Souza (1907-1970). Após

² Segundo Marialzira Perestrello (1995), é possível periodizar a história da psicanálise no Brasil em três etapas distintas: a dos precursores, a dos pioneiros e o momento atual. Neste sentido, os precursores são definidos como aqueles profissionais devotados à causa psicanalítica que, embora não possuíssem uma formação sistematizada na área, dedicavam-se a divulgar a psicanálise entre



retornar em 1944 dos Estados Unidos, onde travou contatos com a teoria psicanalítica, e assumir a cátedra de psiquiatria no ano seguinte, Décio Soares de Souza passa a divulgar de forma envolvente e constante o pensamento psicanalítico junto ao meio universitário, influência esta que se estendeu até 1950, ocasião em que se transferiu para a Inglaterra a fim de conduzir sua formação psicanalítica³.

Os nomes e os acontecimentos até aqui destacados dão-nos uma amostra das primeiras iniciativas de divulgação da psicanálise no Rio Grande do Sul, tornando o pensamento freudiano acessível para um contingente maior de profissionais, sobretudo no meio médico, principal polo de circulação do pensamento psicanalítico neste Estado. Desta forma, criou-se um campo de interesse e legitimou-se um conhecimento científico que possibilitou a expansão das fronteiras psicanalíticas neste meio, conduzindo a iniciativas de promover a institucionalização da psicanálise no Rio Grande do Sul.

Durante o período de inexistência de cursos de formação de psicanalistas no Rio Grande do Sul, aqueles profissionais que, concitados pelas informações recebidas sobre o pensamento freudiano, desejavam conduzir uma especialização na área e empregar os conhecimentos psicanalíticos em sua atividade profissional foram impelidos a buscar formação especializada onde a psicanálise já estivesse consolidada como disciplina científica e campo de atuação profissional. Dada à proximidade geográfica da capital gaúcha com a Argentina, a significativa maioria dos pioneiros da psicanálise emigrou para Buenos Aires a fim de habilitar-se na Associação Psicanalítica Argentina. Assim o fizeram Mario Martins e Zaira Bittencourt Martins em 1944, José Lemmert em 1945 e Cyro Martins no ano de 1951. Exceção a esta regra é encontrada no caso de Celestino Prumes, que, em 1949, foi para o Rio de Janeiro a fim de analisar-se com Werner Kemper.

Em 1947, Mário e Zaira Martins retornam a Porto Alegre, já como analistas habilitados, e logo em seguida passam a atuar profissionalmente. Segundo Germano Vollmer Filho, a chegada de Mário Martins marca formalmente o início da prática psicanalítica no Rio Grande do Sul. Segundo ele, duas razões devem ser consideradas para que este acontecimento possa ser caracterizado como um divisor de águas para a psicanálise gaúcha:

nós e, por vezes, a praticá-la como autodidatas; os pioneiros, por sua vez, constituem-se no primeiro grupo de psicanalistas propriamente ditos que, após terem concluído sua formação, em muitos casos no exterior, dirigiram grande parte de sua atividade profissional para o ensino da psicanálise e para a formação de novos psicanalistas. O momento atual caracteriza-se pelo aumento do número de psicanalistas exercendo atividades clínicas.

³ De regresso ao Brasil, em 1955, Décio Soares de Souza estabeleceu-se no Rio de Janeiro.



[...] a primeira delas, pelo início da análise de psiquiatras que viriam a constituir-se no núcleo da Sociedade Psicanalítica, e a segunda porque o Dr. Mário retomou sua atividade como psiquiatra no Hospital São Pedro, ensinando e influenciando psiquiatras que com ele conviveram (Vollmer Filho, 1993, p. 1).

Sucedem-se a este acontecimento o regresso a Porto Alegre de José Lemmertz, em 1949, de Celestino Prumes, em 1952 e, finalmente, de Cyro Martins, no ano de 1957.

Desta forma, no final da década de 1950, a capital gaúcha começa a contar com um crescente número de profissionais habilitados pela IPA para o exercício da psicanálise, de forma tal que a disciplina freudiana passa a ter grande penetração e aceitação nos meios médico e universitário. Devemos salientar que a influência da psicanálise ora referida não ficou restrita a uma mera assimilação de conceitos teóricos incorporados à prática vigente; mais do que isto, ações concretas foram empreendidas no sentido de promover o ensino e a aplicação da psicanálise no meio psiquiátrico gaúcho. Neste sentido, duas iniciativas devem ser destacadas: “A partir de 1953 a cátedra de psiquiatria passou a contar com a colaboração da cadeira de medicina legal na organização e execução de um curso de psicologia médica, psicanaliticamente orientado [...]” (Ribeiro, 1961, p. 89), e a criação no Hospital São Pedro de um curso de especialização em psiquiatria, organizado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre e coordenado por Paulo Guedes e David Zimmermann. O peso conferido à teoria psicanalítica no referido curso e a orientação empreendida no tratamento psiquiátrico oferecido aos pacientes deste hospital culminaram na criação de um setor administrativo denominado de Divisão Melanie Klein (Meneghini, 1987).

O depoimento de Germano Vollmer Filho⁴, aluno da primeira turma do curso de especialização em psiquiatria da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, nos dá uma indicação, a partir de sua experiência pessoal, da permeabilidade da psiquiatria gaúcha à psicanálise e, por extensão, ao pensamento kleiniano. Lembramos ele:

Quando eu comecei a minha formação como médico psiquiatra, eu inicialmente fiz um curso de pós-graduação em psiquiatria, porque na época não havia residência, isso foi no final da década de 1950, início da década de 1960. [...] A primeira grande inovação da Faculdade de Medicina de

⁴ Germano Vollmer Filho é membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



Porto Alegre foi a criação do curso de especialização em psiquiatria [...]. Neste curso, que era especialmente de orientação psicanalítica, os dois criadores e responsáveis por este curso de especialização eram o David Zimmerman e o Paulo Guedes, que eram psicanalistas e já traziam na sua bagagem os primórdios do pensamento kleiniano aqui em Porto Alegre (Depoimento de 4 de dezembro de 2002).

Destas iniciativas resultaram ao menos duas consequências de amplo alcance: um estreitamento dos laços entre a psiquiatria e a psicanálise no Rio Grande do Sul, de forma tal que, durante várias décadas, uma se sobrepunha à outra com grande justeza, e a ocorrência de um crescente interesse de profissionais da medicina por realizarem formação psicanalítica dentro dos padrões legitimados pela IPA – *International Psychoanalytic Association*. Estavam assim fundadas as bases para que em anos subsequentes fosse pleiteada a criação de uma Sociedade de Psicanálise em Porto Alegre.

A primeira iniciativa formal com vistas à criação de uma Sociedade de Psicanálise foi empreendida em 1957 com a criação do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, que contou com a participação dos analistas já qualificados, Mário Martins, Zaira Martins, José Lemmertz, Celestino Prumes e Cyro Martins, e de um grupo de psiquiatras interessados na formação analítica, Ernesto La Porta, Paulo Guedes, David Zimmermann, Günther Würth, Roberto Pinto Ribeiro, José Maria Santiago Wagner, Sérgio Paulo Annes, José de Barros Falcão, Avelino Costa, Manoel Antônio Albuquerque, Luís Carlos Meneghini, Leão Knijnik e Fernando Guedes.

Este grupo iniciou gestões junto à IPA com a finalidade de obter o reconhecimento oficial como instância promotora da psicanálise e formadora de futuros analistas. O reconhecimento provisório como Grupo de Estudos, sob o patrocínio da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, foi obtido em 1961, durante o XXII Congresso Internacional de Psicanálise realizado em Edimburgo. O reconhecimento definitivo como Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre foi conferido em Estocolmo, por ocasião do XXIII Congresso Internacional de Psicanálise, no ano de 1963.

Zaira Martins: paradoxalmente discreta e marcante

Encontramos em Zaira Martins um exemplo de genuína vocação psicanalítica, na qual a aptidão para as relações humanas, que lhe era característica,



foi estimulada por um convívio constante e motivador com a psicanálise, iniciado por intermédio de seu marido, o psiquiatra e psicanalista Mário Martins, forjando uma profissional de grande sensibilidade e competência, que figura como pioneira da psicanálise de crianças no Rio Grande do Sul.

Filha de Pedro de Bittencourt e Thereza Mattos de Bittencourt, Zaira de Bittencourt Martins nasceu a sete de agosto de 1911 em Bagé, fronteira sul do Rio Grande do Sul, onde passou os primeiros anos de sua vida na companhia dos pais e mais três irmãos. Seu espírito curioso e arguto fez com que seu pai, um estancieiro de poucas posses, mas considerável inteligência, a enviasse aos onze anos para Porto Alegre, a fim de dar continuidade a seus estudos no Colégio Americano, internato laico para moças que representava o que havia de mais avançado na educação da época em contraposição aos rígidos *colégios de freiras*.

Uma vez concluídos os estudos, Zaira regressou a Bagé já como professora formada. No entanto, os anos em que permaneceu em Porto Alegre lhe deixaram marcas duradouras: travou grandes amizades, que lhe foram caras ao longo de toda a vida e conheceu Mário Martins, então estudante de medicina, com quem veio a se casar em 1936, depois de alguns anos de namoro por correspondência. Após as núpcias, passou a acompanhar a itinerância do marido, que galgava uma melhor colocação profissional. Inicialmente foram morar em Boa Esperança, no norte do Estado, em 1938 mudaram-se para Porto Alegre, uma vez que nesta ocasião Mário Martins se preparava para o concurso de psiquiatra do Hospital São Pedro de Alienados, cargo que veio a ocupar pouco depois.

Foi no convívio direto com Mário Martins que Zaira teve sua vocação psicanalítica despertada. Como decorrência do interesse e do gosto pela psicanálise, compartilhado pelo casal, eles embarcam com os filhos, em 1944, para Buenos Aires, onde a psicanálise começava a florescer.

Durante os anos em que permaneceu na Argentina, Zaira Martins desfrutou de intensa convivência com o meio psicanalítico local: foi analisada por Celes Ernesto Cárcano⁵ e fez supervisão com Arminda Aberastury⁶, que despontava como referência em análise de crianças na América Latina, além de ter participado

⁵ Celes Ernesto Cárcano (1903-1990) foi um médico argentino que, em 1936, partiu para a Europa a fim de aperfeiçoar seus conhecimentos de psicanálise. Após analisar-se com Paul Schiff, ingressou como membro da Sociedade Psicanalítica de Paris. Ainda na capital francesa conhece Angel Garma, com quem conjectura a possibilidade de fundar na Argentina uma sociedade psicanalítica. De regresso a Buenos Aires, em 1939, teve destacada participação na criação da Associação Psicanalítica Argentina (Roudinesco; Plon, 1997).

⁶ Arminda Aberastury (1910-1972) foi uma das fundadoras da Associação Psicanalítica Argentina. Seu trabalho pioneiro tem sido reiteradas vezes destacado, com ênfase particular na psicanálise de crianças, no ensino do pensamento kleiniano e na apresentação de ideias originais, como a fase genital prévia.



de cursos e palestras. Após este percurso propedêutico, foi admitida em 1947 como membro da Associação Psicanalítica Argentina.

Sua estada na Argentina lhe conferiu uma sólida bagagem psicanalítica, sobretudo no que se refere à psicanálise de crianças e aos ensinamentos de Melanie Klein, que foram propalados com muita propriedade por Arminda Aberastury, de forma tal que o interesse pela pedagogia, que há muito acompanhava Zaira Martins, veio somar-se ao conhecimento psicanalítico, levando a analista gaúcha a dedicar-se com afinco à análise infantil.

Quando em Porto Alegre, Zaira Martins inicia uma tímida atividade profissional, inteiramente dedicada à análise de crianças, não por falta de interesse ou escassez de pacientes, mas por cautela: o fato de não possuir formação médica a deixava em uma situação pouco confortável para atuar como analista, sobretudo em um meio no qual a psicanálise fora diretamente associada à psiquiatria. Em decorrência dessa situação, sua admissão dentro dos quadros da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, onde seu nome figura como fundadora, foi sempre tomada como uma exceção, haja vista que esta Sociedade, ao contrário do que aconteceu na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, até o início da década de 1990, só acolhia profissionais com formação médica. A justificativa que sustenta essa exceção encontrou respaldo no fato de ser Zaira Martins a única profissional, em Porto Alegre, com conhecimentos suficientes em psicanálise de crianças para transmiti-los às novas gerações de psicanalistas. O depoimento de Nara Amália Caron⁷, que manteve um convívio muito próximo com Zaira Martins durante os anos de sua formação, nos é bastante elucidativo com relação a este ponto:

Ela era esposa de um dos fundadores, Mário Martins. Alguns analistas queriam estudar e desenvolver o trabalho analítico com crianças, e ela era uma pessoa preparada para ensinar, ela tinha uma formação sólida. Ela ficou uma exceção dentro da Sociedade e meio à deriva. A Zaira trabalhava com as crianças e quem fazia a formação em análise de crianças eram as psicanálise infantil, as meninas da Zaira, como eram chamadas. (Depoimento de 4 de dezembro de 2002)

Zaira Martins dedicou toda a sua vida profissional à psicanálise de crianças, seja por intermédio de atendimentos clínicos ou através de atividades didáticas

⁷ Nara Amália Caron é membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



junto a candidatos da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre interessados em análise infantil, que com ela faziam supervisão e realizavam cursos de análise infantil. Sob seus auspícios formou-se, no Rio Grande do Sul, uma primeira geração de psicanalistas de crianças, que atualmente dão continuidade ao trabalho de formação em análise infantil na referida Sociedade. Referindo-se à participação pioneira de Zaira Martins na difusão da psicanálise de crianças, em Porto Alegre, comenta Cláudio Eizirik⁸:

A dona Zaira teve uma participação muito grande, ela foi a primeira que analisou crianças aqui em Porto Alegre, e era análise com quatro sessões por semana. Eu acompanhei porque um primo meu se analisava com ela, tinha asma e por isso indicaram análise [...]. Ela é a pioneira na psicanálise de crianças, ela ensinou para toda essa turma. Ela é a pioneira, depois vieram a Nara Caron, a Marlene Araújo, a Ruth Maltz, a Emília Messias e a Beatriz Piccoli. A Emília depois saiu da infantil, ela estava muito doente e faleceu, a Beatriz se mudou para São Paulo, e estas três são as que carregam, são elas que criaram a formação de psicanálise de crianças, alguns anos atrás. Elas tinham um grupo de estudos com a Dona Zaira e com o Mário (Depoimento de 3 de dezembro de 2002).

Devemos salientar que foi a partir desta primeira geração de psicanalistas de crianças formada por Zaira Martins, dentro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, *as gurias* como ela costumava chamá-las, que se estruturou um curso de formação de analistas de crianças que foi oficialmente reconhecido pela Sociedade, no ano de 1997.

A filiação à psicanálise argentina, onde o pensamento kleiniano ganhava progressivamente maior destaque, e o contato direto com Arminda Aberastury, que durante a década de 1940 tornou-se uma grande divulgadora das recentes descobertas de Melanie Klein, levaram Zaira Martins à adoção deste referencial teórico tanto em sua prática clínica quanto didática, posição assumida ao longo de toda sua vida profissional mais por convicção do que por dogmatismo ou sectarismo de ideias. Encontramos, no depoimento de Nara Caron, comentários que corroboram nossas conclusões. De acordo com as lembranças desta psicanalista:

⁸ Cláudio Laks Eizirik é membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



Jorge Luís Ferreira Abrão

Zaira foi uma pessoa importante na minha vida. Ela não era médica, era professora. Analisou-se e fez formação psicanalítica em Buenos Aires. Ela tinha um talento especial para trabalhar com crianças. Não era teórica, tinha uma sensibilidade especial para a compreensão do material clínico. Era muito talentosa e experiente. Tratou muitas crianças e supervisionou todas as analistas que trabalhavam com crianças. A Zaira permaneceu fiel à técnica kleiniana. Não abriu muito. Quando trazíamos para estudo outros autores como, por exemplo, Mahler, Esther Bick, Spitz ou Winnicott, a Zaira os deixava de lado. Ela não os incluía facilmente. (Depoimento de 4 de dezembro de 2002)

Raciocínio análogo nos é apresentado pela psicanalista Marlene Araújo, ao comentar a participação de Zaira Martins na introdução da psicanálise de criança em Porto Alegre. Afirma ela:

A influência de Klein se fez sentir desde o começo com ênfase na análise das ansiedades primitivas e defesas correspondentes, na preocupação com o desenvolvimento primitivo e as relações de objeto. Podemos afirmar que, de 50 a 70, o referencial teórico dominante em Porto Alegre era o de Melanie Klein e seus seguidores (Araújo, 1988, p. 674).

No tocante à produção teórica, não temos registros de nenhum trabalho escrito por Zaira Martins, de forma tal que sua participação na difusão do pensamento kleiniano no Rio Grande do Sul foi eminentemente oral e exclusivamente centrada na psicanálise de crianças. A este respeito comenta Nara Caron: “Zaira não gostava de escrever; infelizmente não deixou nada do seu trabalho registrado. Também não desempenhou cargos administrativos e nem desenvolveu carreira no Instituto da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre” (Depoimento de 4 de dezembro de 2002).

Apesar destas restrições, não podemos subestimar a relevância da participação de Zaira Martins na psicanálise gaúcha, que se estendeu por aproximadamente quatro décadas, uma vez que seu talento e sua sensibilidade para a clínica, aliados à sua habilidade didática contribuíram de forma inequívoca para uma melhor compreensão e aceitação da psicanálise de crianças, o que veio a se refletir nas gerações futuras de psicanalistas, que receberam de forma direta ou indireta esta influência.

Zaira Bittencourt Martins faleceu em sete de agosto de 1985, vítima de complicações decorrentes de uma cirurgia cardíaca ocorrida quatro meses antes.



Além de seu legado à psicanálise de crianças do Rio Grande do Sul, deixou dois filhos: o psicanalista Roberto Bittencourt Martins e a bibliotecária Júlia Teresa Bittencourt Martins.

Considerações finais

Podemos concluir que, a despeito de sua postura discreta, o que se refletiu na ausência de uma produção teórica e no distanciamento das atividades administrativas da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, Zaira Martins deixou marcas duradouras na psicanálise gaúcha, uma vez que muitas gerações de psicanalistas de crianças foram formadas sob seus auspícios. Este aparente paradoxo deve ser entendido dentro do contexto histórico em que a personagem biografada encontrava-se inserida, no caso a psicanálise do Rio Grande do Sul.

Ao contrário de São Paulo, em que a psicanálise manteve estreita relação com as ciências humanas, de tal forma que a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo contou, desde a sua fundação, com diversos profissionais não médicos que exerceram grande influência nesta instituição, como Virgínia Bicudo, Lygia Amaral e Frank Philips no Rio Grande do Sul, a psicanálise foi introduzida por médicos, em particular psiquiatras vinculados à Faculdade de Medicina de Porto Alegre ou ao Hospital São Pedro de Alienados, fazendo com que a prática analítica fosse entendida como uma função médica inacessível a outros profissionais, que foram impedidos, até o início da década de 1990, a fazerem formação psicanalítica na Sociedade Gaúcha.

Por temperamento, Zaira Martins não se contrapôs formalmente às restrições impostas pela Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre aos analistas não médicos, de modo que não veio a pleitear cargos administrativos, nem almejou figurar como analista didata na referida Sociedade; no entanto, não abdicou do direito de exercer a profissão que escolhera, para a qual tinha uma sólida formação. Neste sentido, demonstrou a importância e competência de analistas não médicos, menos pela ação política e mais pela influência pedagógica que exerceu ao longo de décadas.

Cabe ainda salientar que Zaira Martins irá compor, juntamente com Virgínia Leone Bicudo e Lygia Alcântara do Amaral da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Maria Manhães da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e Décio Soares de Souza da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, um seletivo grupo de pioneiros da psicanálise de crianças no Brasil (Abrão, 2001),



que introduziram esta especialidade em suas Sociedades de origem e influenciaram a formação de muitos psicanalistas.

Assim, podemos considerar que Zaira de Bittencourt Martins foi duplamente pioneira, seja na condição de introdutora da psicanálise de crianças no Rio Grande do Sul e, por extensão, no Brasil, seja como representante de analistas não médicos junto à Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. □

Abstract

Zaira de Bittencourt Martins: pioneer in child psychoanalysis in Rio Grande do Sul

The objective of the present article is to introduce Zaira de Bittencourt Martins's contributions to psychoanalysis in Rio Grande do Sul, identifying her as pioneer in child psychoanalysis in this State. Starting from a historic research based on interviews with psychoanalysts, bibliographical sources and contacts with relatives, the author composed a biographical outline of the psychoanalyst above mentioned. Zaira Martins, together with her husband, the psychiatrist and psychoanalyst Mario Martins, immigrated to Argentina in 1944, and in 1947 was recognized as an analyst by the Argentinian Psychoanalytic Association. On her return to Brazil she became the first non physician woman to make part of the Psychoanalytic Society of Porto Alegre, collaborating with her foundation, in 1963. She played the pioneer role as child psychoanalyst and contributed in the dissemination of Kleinian ideas in her State. She also contributed in the formation of young analysts who were beginners in the child analyst field, through courses and supervisions.

Keywords: Psychoanalysis. History. Zaira Martins.

Resumen

Zaira de Bittencourt Martins: pionera del psicoanálisis de niños en Rio Grande do Sul

Este artículo tiene por objeto presentar los aportes de Zaira Bittencourt Martins, a la psicoanálisis de Río Grande do Sul, que la identifica como una de las pioneras del psicoanálisis de niños en tal provincia. De un estudio histórico, realizado a partir de entrevistas con analistas, el estudio de las fuentes de la literatura y los contactos con los familiares, el autor compone una semblanza del analista en



cuestión. Zaira Martins, junto con su marido, el psiquiatra y psicoanalista Mario Martins, emigró a la Argentina en 1944, donde en 1947, obtuvo el título de analista de la Asociación Psicoanalítica Internacional. De regreso a Brasil, se convirtió en la primera mujer no médica a integrar en Porto Alegre la Sociedad Psicoanalítica, en colaboración con su fundación en 1963. Actuó, de forma pionera, como psicoanalista de niños y ha ayudado en la difusión del pensamiento kleiniano en su provincia. Ha contribuido a la formación de analistas jóvenes que iniciaron el campo del análisis de niños a través de cursos y supervisiones.

Palabras llave: Psicoanálisis. La historia. Zaira Martins.

Referências

- ABRÃO, J. L. F. (2004). *A tradição kleiniana no Brasil: uma investigação histórica sobre a difusão do pensamento kleiniano*. Tese (doutorado) – Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- _____. (2001). *A história da psicanálise de crianças no Brasil*. São Paulo: Escuta.
- _____. (1999). *Um percurso pela história da psicanálise de crianças no Brasil*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis.
- ARAÚJO, M. (1988). Aspectos históricos do desenvolvimento da psicanálise de crianças no Brasil: parte II. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 22, n. 4, p. 673-677.
- FIGUEIRA, S. (1995). Situação atual da técnica psicanalítica no Brasil: um ponto de vista pessoal. In: OUTEIRAL, J. O.; THOMAZ, T. O. *Psicanálise brasileira: brasileiros pensando a psicanálise*. Porto Alegre: Artmed. p. 5-14.
- FREUD, S. (1925). Um estudo autobiográfico. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1914). A história do movimento psicanalítico. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- GAY, P. (1988). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HINSHELWOOD, R. (1991). *Dicionário do pensamento kleiniano*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1992.
- JONES, E. (1953). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- _____. (1955). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- _____. (1957). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, P. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MENEGHINI, L. (1987). Primeiro simpósio da FEPAL: as características da produção psicanalítica latino-americana. In: *Correio da FEPAL*. São Paulo: [S.n]. p. 21-25.
- PERESTRELLO, M. (1995). Ainda sobre a história da psicanálise no Brasil. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 29, n. 3, p. 667-674.
- RIBEIRO, R. (1961). A psicanálise no Rio Grande do Sul: notas históricas. *Psiquiatria*, v. 1, n. 4, p. 88-91.
- ROSA, M. (1979). *A história da psicanálise no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: SPPA.



Jorge Luís Ferreira Abrão

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (1997). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
VOLLMER-FILHO, G. (1993). *Breve histórico da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*. Porto Alegre: SPPA.

Recebido em 22/02/2011

Aceito em 06/04/2011

Jorge Luís Ferreira Abrão

Avenida Rui Barbosa, 1262/91

19814-000 Assis – SP – Brasil

e-mail: abrao@assis.unesp.br

© Revista de Psicanálise – SPPA